

BOLETIM DE TRABALHOS HISTÓRICOS

GUIMARÃES . SÉRIE III . VOL.XI 2022

FICHA TÉCNICA

Boletim de Trabalhos Históricos
Série III
vol.XI

Diretora/coordenação
Alexandra Marques

Edição e Propriedade
Arquivo Municipal Alfredo Pimenta
Rua João Lopes de Faria, 12
4810-414 Guimarães

Impressão
Centro Juvenil São José

Design Gráfico
Maria Alexandre Neves

Periodicidade
Anual

Tiragem
200 exemplares

ISSN
0871-7478

Depósito legal
Nº 41482/90

NB: Os artigos assinados são da exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) autore(s).

ÍNDICE

Editorial

pág. 9

Um palco de teatro nacional em Guimarães **A primeira década de funcionamento do Teatro D. Afonso Henriques** **– 1855-1865**

Inês Lago

pág. 13

Mário Bonito: Estádio de 1958 para Guimarães **Génese de um Projeto-conceito**

Helder Casal Ribeiro, Sílvia Ramos

pág. 49

O campo de jogos: narrativas socio-espaciais do futebol amador **no território difuso de Guimarães**

Miguel Fernandes

pág. 69

Dom Manuel Afonso da Guerra **Maria Adelaide Pereira de Moraes**

pág. 103

Mário Bonito:
Estádio de 1958 para Guimarães
Génese de um Projeto-conceito

Helder Casal Ribeiro, Sílvia Ramos

Mário Bonito: Estádio de 1958 para Guimarães Génese de um Projeto-conceito

Helder Casal Ribeiroⁱ, Sílvia Ramosⁱⁱ

ⁱ Arquiteto, Docente FAUP, Investigador CEAU-FAUP (AdC – Identidade e Transferência)

ⁱⁱ Arquiteta, Docente FAUP, Investigadora CEAU-FAUP (ATPH e TzP)

RESUMO

O Estádio Municipal de Guimarães, contém uma história longa com início numa proposta arquitetónica singular (1958-1965) da autoria do arquiteto Mário Bonito (1921/1976), que será construído, gradualmente alterado e integralmente substituído pelo atual estádio, em resposta ao Euro 2004.

A génese do Estádio Municipal integra o desejo de uma renovada ideia urbana para a cidade de Guimarães desenvolvida pelo “Anteplano de Urbanização da Cidade de Guimarães”, de 1949-1953, onde se destaca o desígnio de um Parque da Cidade em diálogo com um núcleo desportivo. Este desígnio será determinante para o modo como Mário Bonito, arquiteto portuense ligado à Escola Superior de Belas Artes do Porto e defensor de uma nova Arquitetura, interpretará a encomenda do município.

O projeto assenta numa leitura paisagística do lugar onde o diálogo de continuidade com os elementos mais significativos da envolvente evoca uma tradição de inserção e de composição do conjunto, característica presente em estádios portugueses dos anos 30 a 40. Contudo, a proposta irá mais longe nas suas referências e relações topográficas, explorando a noção de limite – entre parque e estádio – através da construção de uma linguagem arquitetónica, uma narrativa, que se revelará inovadora, poética e informada para a época.

palavras chave: Estádio, Guimarães, Mário Bonito, Arquitetura Moderna

“O arquiteto português não pode perder tempo à volta de uma plástica e de uma estética fácil e oca, puramente decorativa. Ele caminhará assim para a viciação profissional, incorrerá em processos de composições inúteis, em métodos de escolha unilaterais, na só parcial resolução dos problemas contidos na sua tarefa.”¹

O Estádio D. Afonso Henriques que hoje conhecemos foi inaugurado em 2003, tendo sido construído no decurso da transformação do Estádio Municipal de Guimarães, da autoria do arquiteto de Mário Bonito, inaugurado em 1965.

O projeto do Estádio Municipal de Guimarães (1958/65) é um dos poucos projetos da autoria de Mário Bonito que dá entrada em serviços camarários assinado pelo próprio.

A única fonte direta para o estudo da proposta de Mário Bonito para o Estádio Municipal de Guimarães é o respetivo processo camarário no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

Desconhece-se, porém, a circunstância da encomenda.

Em Guimarães

Entre 1958 e 1965, na Cidade de Guimarães está em vigor o Antepiano de Urbanização, da autoria dos arquitetos Maria José Marques Moreira da Silva e de David Moreira da Silva. Iniciado em 1945 e entregue em 1949, o Antepiano de Urbanização da Cidade de Guimarães é aprovado, após aditamento determinado pelo ministro das obras públicas José Frederico do Casal Ribeiro Ulrich, em 1953.²

Em 1945, a Câmara Municipal de Guimarães assina a “Lista indicativa dos principais melhoramentos de interesse público e culturais da cidade”. Da lista, com certeza hierarquizada, faz parte a dotação da cidade por um conjunto de equipamentos e espaços públicos. Ainda a lista não vai a meio e regista o “Parque da Cidade”, com campos de jogos (futebol, pista, balneários, etc.) e de ténis (dois *courts*), como um dos principais melhoramentos que importaria a Guimarães. Seguem-se os seguintes equipamentos: piscina, parque infantil, lagos, campo de tiro e teatro ao ar livre.

No capítulo Estudo crítico da aglomeração atual, o Antepiano verifica que, ainda que Guimarães seja uma das “cidades melhor servidas em matéria de espaços públicos, onde se destacam pelas proporções dos magníficos conjuntos que constituem o Largo do Conde D. Henrique e a vasta zona que circunda a igreja de S. Miguel do Castelo; a Praça do Toural e o Largo de 28 de Maio; a Praça do Brasil e o Campo da Feira; o Largo de Martins Sarmiento; os Cemitérios, etc.”, não possui ainda um parque “onde a sua população possa encontrar sombra, recreio e repouso”.³

¹ BONITO, Mário – “A universalidade na arquitectura”, *Notícias da Amadora – Semanário Popular*, nº 505, 22 Maio 1971, p. 3.

² MOREIRA DA SILVA, Maria José M., MOREIRA DA SILVA, David – “Antepiano de Urbanização da Cidade de Guimarães”, 1949. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta. MOREIRA DA SILVA, Maria José M., MOREIRA DA SILVA, David – “Antepiano de Urbanização da Cidade de Guimarães (aditamento)”, 1953. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

³ MOREIRA DA SILVA, Maria José M., MOREIRA DA SILVA, David – “Antepiano de Urbanização da Cidade de Guimarães”, 1949, p.19-20. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

O Antepiano passa então a entender o Parque da Cidade como um dos problemas mais instantes de cuja resolução depende o desenvolvimento e o futuro aspeto da cidade e, consequentemente, como um dos “novos elementos da composição”.⁴ A proposta é a de que o Parque da Cidade ocupe uma área de 25,5 hectares e que reúna, não só o conjunto dos equipamentos culturais e desportivos – um teatro ao ar livre; campos de futebol para competições e para treinos; um grande lago; uma piscina; dois *courts* de ténis; um pavilhão de tiro aos pombos e um restaurante –, mas também extensões recreativas arborizadas. Neste parque, o programa “campo de jogos (futebol, pista, balneários, etc.)” inicialmente proposto pelo Município, adquire a designação de “Estádio Municipal”, significando que o Parque da Cidade se destina a integrar uma infraestrutura representativa do Município, nomeadamente, em competições das modalidades de futebol e atletismo, que toma a forma de um recinto circundado por bancadas para o público.

Para a localização deste Parque, o Antepiano aponta a zona poente de Guimarães, um lugar não desenhado na antiga planta levantada em 1867, pelo Engenheiro Manuel de Almeida Ribeiro,⁵ que Maria José Marques Moreira da Silva e David Moreira da Silva referenciam. O Antepiano implanta-o, com ligação direta ao Toural, entre a atual avenida São Gonçalo e a estrada de saída para Braga (rua de Santa Eulália), a tirar partido, à cota baixa, da concentração de equipamentos públicos e do movimento que lhes é associado – o mercado, os bombeiros, a estação de camionagem, a escola industrial –, e à cota alta, de uma mancha arborizada de grande interesse paisagístico para a cidade. No ponto mais alto do terreno, por entre as árvores, fixa-se a implantação do restaurante, que assim adquire a condição de panorâmico; à cota baixa, contra a cidade, localiza-se o teatro ao ar livre; acima, associado a linha de água preexistente, o grande lago, a piscina e os campos de ténis; entre ele e o restaurante, o campo para treinos e o Estádio Municipal para competições de futebol, num extremo do terreno e a condicionar o desenho da circulação viária, com uma alameda de acesso de desenho sublinhado.

Uma vez entregue, o Antepiano é submetido à apreciação da Comissão de Revisão que concorda que o local escolhido para o Parque é o mais apropriado, mas entende que a sua dimensão deve ser reduzida, adequando-a à população da cidade.

Esta indicação determina a transformação do “Parque da Cidade” num “Parque Desportivo”, no aditamento do Antepiano. Entre um e outro, Maria José Marques Moreira da Silva e David Moreira da Silva conservam o Estádio Municipal e substituem todos os outros equipamentos por uma Praça de Touros. Conforme indicação superior, este novo Parque Desportivo concentra-se a cota mais baixa, abdicando da massa arborizada de especial interesse paisagístico. Maria José Marques Moreira da Silva e David Moreira da Silva, contudo, procuram salvaguardá-la acordando, com a Direção Geral dos Serviços de Urbanização, a sua designação como Zona de Reserva, onde são proibidos o corte e a derrama de árvores e, simultaneamente, “a construção de edifícios estranhos ao desenvolvimento dos desportos, da saúde ou do turismo”,⁶ certamente preservando a expectativa de que pudesse vir a funcionar como extensão do Parque Desportivo.

4 MOREIRA DA SILVA, Maria José M., MOREIRA DA SILVA, David – “Antepiano de Urbanização da Cidade de Guimarães”, 1949, p.43-44. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

5 RIBEIRO, Manoel d’Almeida – “Planta da Cidade de Guimarães”, 1863. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

6 MOREIRA DA SILVA, Maria José M., MOREIRA DA SILVA, David – “Antepiano de Urbanização da Cidade de Guimarães”, 1953, p.42,44. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

A alteração da superfície do Parque e certamente a importância crescente que o programa do Estádio Municipal adquire, têm consequência na alteração da posição relativa que lhe é destinada. De uma posição mais alta e limite, interpelativa da malha urbana, o Estádio passa a ocupar a posição anteriormente destinada ao grande lago, piscina e campo de treinos, mais baixa e central na parcela, independente do seu limite. Para as suas franjas remetem-se os *courts* de ténis, o campo de treinos e a Praça de Touros, que ocupa o lugar do anterior teatro ao ar livre contra a cidade.

Em 1969, o “Plano Parcial da Zona Noroeste de Guimarães”, da autoria do arquiteto Arménio Losa⁷, representa o que do desejado Parque da Cidade e, mais tarde, do Parque Desportivo foi construído: o Estádio Municipal, em 1965, pelo arquiteto Mário Bonito, com a mancha arbórea de especial significado para Guimarães como pano de fundo.

Por Mário Bonito⁸

Em 1958, quando Mário Bonito (1921-1976) entrega o Anteprojeto do Estádio Municipal de Guimarães, tem 37 anos, reside no Porto e trabalha na Direção Geral dos Serviços de Urbanização (D.G.S.U.), onde ingressou há 13 anos, antes do tirocínio no escritório do arquiteto Januário Godinho e da obtenção do diploma de arquiteto com a prova de fim de curso apresentada em 1947, seguida da participação no 1.º Congresso de Arquitetura (1948), com duas comunicações, e da integração no grupo Organização dos Arquitetos Modernos (ODAM).

Até ao ano anterior, Mário Bonito foi assistente do curso de arquitetura na Escola Superior de Belas Artes do Porto, herdeira daquela em que se formou e onde ingressou como docente em 1950, a convite do arquiteto Carlos Ramos e juntamente com os arquitetos Fernando Távora, Carlos Loureiro e Delfim Amorim, mais tarde substituído por Agostinho Ricca.

A artisticidade de Mário Bonito, claramente inspirada nos princípios da arte *multidisciplinar* do homem *Bauhausiano* com influência direta na forma pedagógica como Carlos Ramos abordava o ensino da arquitetura e das artes, possibilitou que se dedicasse a outras áreas artísticas com uma singular sensibilidade e poder de síntese temática. Participa decisivamente na vida do Clube Português de Cinema / Cineclube do Porto, exercendo cargos na direção até 1958, com Henrique Alves Costa, e desempenhando as funções de Presidente da Assembleia Geral daí em diante. Simultaneamente, tende a aproximar-se do Círculo de Cultura Teatral / Teatro Experimental do Porto (TEP), de que será presidente da direção de 1960 a 1962.

Um ano antes da inauguração do Estádio Municipal de Guimarães, em 1964, Mário Bonito muda-se para Lisboa, onde residirá os doze anos seguintes.

7 LOSA, Arménio – “Plano Parcial da Zona Noroeste de Guimarães”, 1969. Acervo Histórico do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano.

8 A partir do estudo aprofundado sobre a obra de Mário Bonito em CASAL RIBEIRO, Helder – “A experimentação na obra de Mário Bonito. Um processo de desenho de 40 a 60”, Tese de Doutoramento em Arquitetura apresentada à FAUP, 2013.

As cidades do Porto (1948 a 1963) e de Lisboa (1964 a 1976), correspondem a duas fases diferenciadas, tanto na produção arquitetónica e artística, como no conhecimento e divulgação da obra de Mário Bonito.

Mário Bonito não encontra espaço, nos doze anos em Lisboa, para aprofundar ou desenvolver, com obra construída, o seu processo de desenho no exercício do projeto de arquitetura. Ao invés, as suas propostas dos anos 50, na cidade do Porto, são testemunho de um percurso curto, mas incisivo na discussão das problemáticas inerentes à defesa e divulgação da arquitetura moderna, com um breve ensaio sobre a sua possível revisão na leitura do contexto urbano e da história da cidade e dos seus edifícios.

Entre 1948 e 1958, Mário Bonito projeta e constrói, na cidade do Porto, cinco edifícios de habitação e um conjunto urbano que se destacam pela sua atualidade programática e pela resposta prepositiva na organização da célula habitacional, na articulação tipológica do edifício e na estruturação da malha urbana. Neste conjunto inclui-se, nomeadamente o Edifício de Habitação Coletiva “Bloco do Ouro”, na rua Fernandes Tomás, uma obra “manifesto” no Porto dos anos 50 e exemplo único do diálogo entre os pressupostos da arquitetura moderna e a cidade de malha consolidada.

Enquadram estes seis projetos de habitação, dois projetos de equipamentos – o Pavilhão das Ilhas Adjacentes, nos jardins do Palácio de Cristal, em 1947/48, e o Estádio Municipal de Guimarães, no idealizado Parque da Cidade, em 1958-65 –, ambos, sínteses informadas da forma de Mário Bonito ver e entender a arquitetura.

O trabalho do Pavilhão das Ilhas Adjacentes para os jardins do Palácio de Cristal, apresentado por Mário Bonito ao Concurso para Obtenção do Diploma de Arquiteto (CODA), na Escola de Belas-Artes do Porto, em 1947, com o programa de um pavilhão expositivo de carácter provisório a integrar a Exposição Comemorativa do 1º Centenário da Fundação da Associação Industrial Portuense de 1949, será o primeiro momento de síntese, que perdurou no tempo, das premissas arquitetónicas que o acompanhariam na sua prática profissional. A procura e a síntese arquitetónica expressa no Pavilhão das Ilhas Adjacentes e transmitida nas comunicações “Regionalismo e Tradição”⁹ e “Tarefas do Arquiteto”,¹⁰ serão aprofundadas nas suas futuras obras e textos, afirmando o Pavilhão como laboratório experimental e futuro exemplo prático do processo de procura e do significado que a arquitetura deverá assumir, ou seja, “nenhuma obra de arte se mede em extensão, mas em profundidade”.¹¹

O conjunto dos projetos posteriores é representativo do rigor de desenho, que parte da identificação do problema colocado e da formulação de um princípio de intervenção, assente numa lógica disciplinada pela interpretação das condições físicas e simbólicas do contexto e do programa/encomenda. Todos eles assentam num vocabulário de sintaxe moderna, que integra o progresso e a inovação da indústria da construção, através do uso da composição abstrata – traçados geométricos e métrica concetual – reinterpretando a sua relevância social, ou seja, a condição e o significado do homem na construção de uma sociedade progressista e moderna.

9 BONITO, Mário – “Tradição e Regionalismo”, in 1º Congresso Nacional de Arquitetura, maio/junho de 1948, Relatório da Comissão executiva, Teses, Conclusões e Votos do Congresso (Edição fac-similada). Lisboa: Ordem dos Arquitetos, 2008.

10 BONITO, Mário – “Tarefas do Arquiteto”, in 1º Congresso Nacional de Arquitetura maio/junho de 1948 (Edição fac-similada). Lisboa: Ordem dos Arquitetos, 2008.

11 BONITO, Mário – “Pavilhão das Ilhas Adjacentes” [Memória Descritiva], EBAP, 1947. CDAU-FAUP.

Este modo de fazer e entendimento da área disciplinar da Arquitetura é compartilhado por grande parte da terceira geração de arquitetos modernos – nascidos entre 1917 e 1927, com enquadramento cultural e social português de matriz republicana e período de formação académica assente na confirmação da ditadura militar e na afirmação do Estado Novo – que, no final dos anos quarenta, se afirmam com prática profissional consciente da circunstância nacional, e, na década seguinte, apresentam obra arquitetónica singular na defesa, implementação e divulgação da arquitetura e do urbanismo modernos, nomeadamente, aqueles com que Mário Bonito partilha o quotidiano da Escola de Belas Artes do Porto / Escola Superior de Belas Artes do Porto e que integram a ODAM ou participam nas reuniões da União Internacional de Arquitetos (UIA) e no grupo CIAM-Porto.

O Estádio Municipal¹²

Para a construção do Estádio Municipal de Guimarães, Mário Bonito apresenta, à Câmara Municipal de Guimarães, o Anteprojeto, em junho de 1958, o Projeto, em dezembro de 1960, e um complemento e aditamento.¹³

O Anteprojeto reúne informação quanto ao partido geral por que se opta para o Estádio, aos pormenores que estruturam a sua conceção e ao sentido plástico da composição. Destina-se a informar o Projeto (definitivo) em que, com o desenvolvimento atento do estudo, se definem melhor os aspetos vagos e alteraram aqueles que se consideram vantajosos rever, num tipo de prática de revisão do pensamento que continuará durante a execução dos trabalhos até à sua conclusão. Verifica-se, aliás, como o número de peças desenhadas na fase de Anteprojeto amplia na fase de Projeto (de seis para onze) e como este aumento corresponde a uma aproximação progressiva e aprofundamento do detalhe dos diferentes elementos que compõem o desenho do Estádio. Se o Anteprojeto é composto por planta e perfis de conjunto, à escala 1/500, cortes tipo das bancadas coberta e descoberta, à escala 1/100, e alçado poente (em que o impacto da construção é superior), à escala 1/200, o Projeto, para além do conjunto, detalha cada um dos elementos constituintes do Estádio Municipal, em plantas a diversos níveis com os respetivos cortes e alçados, às escalas 1/100 e 1/200. Tal tem expressão no índice que integra cada uma das memórias descritivas guardadas em conjunto com os desenhos. Embora com a indicação de que se referem à mesma fase de trabalho, o elenco de peças desenhadas que os índices registam demonstra que cada memória descritiva corresponde a uma fase de desenvolvimento do trabalho.

O projeto de complemento e aditamento diz respeito a um conjunto de obras de acabamento do Estádio e a uma alteração pontual ao Projeto, realizada pelos Serviços Técnicos do Município, sendo que a sua memória descritiva é o único documento do processo que não é assinado por Mário Bonito.

12 O Estádio Municipal de Guimarães, pelo significado que se entende apresentar no percurso profissional de Mário Bonito, foi uma das obras selecionadas para a exposição “Mário Bonito: experimentação do moderno” (curadoria de Helder Casal Ribeiro e Sílvia Ramos), que assinalou os 100 anos do nascimento do arquiteto. A exposição, integrada no evento “Mário Bonito 100 anos”, esteve patente na Casa das Artes – Porto, de 6 de novembro a 31 de dezembro de 2021. Apresentou, gentilmente emprestadas pelo Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, uma seleção de peças escritas e desenhadas do Estádio e um conjunto de fotografias do Estádio em funcionamento. Paralelamente, foram concebidas, para a exposição, um conjunto de visualizações tridimensionais interpretativas do Estádio (executadas por Okdraw).

13 BONITO, Mário – “Estádio Municipal de Guimarães”, 1958-60. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

O Estádio Municipal proposto por Mário Bonito, tem a lotação inicial relacionada “com a população da Cidade de Guimarães e em harmonia com as lotações dos restantes estádios do País”¹⁴, à data do projeto.

Prevê-se a possibilidade de que o desenho do conjunto evolua no tempo, sendo suporte de mudanças no que à sua capacidade diz respeito, pela ampliação da área de bancadas inicialmente prevista, em função do crescimento populacional da Região e do País. O projeto deixa em aberto a possibilidade de dois momentos de ampliação, o primeiro pelo completar do circuito de bancadas, alargando-o aos topos do Estádio, e o segundo, nomeadamente, pela construção de uma arquibancada descoberta sobre parte das bancadas construídas de início.

É interessante notar que as duas memórias descritivas que integram o processo do Estádio, ainda que de um modo geral semelhantes, apresentam diferenças nomeadamente no que diz respeito à lotação do equipamento nas suas diversas fases de construção no tempo. Do Anteprojeto para o Projeto verifica-se uma redução da lotação inicial do Estádio (para metade) e das lotações subsequentes, podendo corresponder a um progressivo entrosamento de Mário Bonito com o problema do programa.

Na posição relativa que o Antepiano de Urbanização de Guimarães lhe atribui, o Estádio Municipal organiza quatro programas principais: campo de jogos e pista de atletismo; bancadas coberta e descoberta; torre olímpica; balneários e lavabos.

O campo de jogos, rodeado pela pista de atletismo é orientado, sensivelmente, no sentido norte-sul. A localização da bancada coberta, com varandim destinado a camarotes e a instalações de bar, “como é hábito, é nailharga poente do campo de jogos”.¹⁵ Ocupa o centro da ilharga oposta, a torre olímpica, com as instalações para rádio, TV, imprensa, cabine sonora e instalações suas complementares e o grande depósito de água, que, por razões de eficiência técnica e económica, lhe faz associar os balneários, sanitários e demais áreas de apoio.

O espaço em torno do Estádio organiza-se não só no sentido de facilitar o seu escoamento uma vez lotado, mas também de suportar a incidência de futuras artérias principais ou secundárias.

O desenho arquitetónico deste organigrama assenta na interseção de duas condições fundamentais: um conjunto de valores naturais identificados na análise da circunstância do lugar que recebe o Estádio e um princípio assente do autor sobre a melhor forma a atribuir ao equipamento, tendo em conta a sua especificidade programática.

Na análise do lugar, Mário Bonito destaca a proximidade entre o Estádio e o que entende que virá a ser o futuro Parque da Cidade, indexado à importante mancha arbórea reservada por Maria José Moreira Marques da Silva e David Moreira da Silva. Mário Bonito interpreta este parque como uma “zona livre, que urbanisticamente obedecerá a tratamento paisagístico, arborização e tratamento de artérias adequadas”¹⁶ a fins recreativos, considerando vantajoso para a Cidade que se opere “mesmo que virtualmente” a “fusão Parque – Estádio”,¹⁷ devendo o parque influenciar a conceção do Estádio.

14 BONITO, Mário – “Estádio Municipal de Guimarães”, 1958-60, p.6. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

15 BONITO, Mário – “Estádio Municipal de Guimarães”, 1958-60, p.7. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

16 BONITO, Mário – “Estádio Municipal de Guimarães”, 1958-60, p.5. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

17 BONITO, Mário – “Estádio Municipal de Guimarães”, 1958-60, p.5. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

Neste sentido, Mário Bonito desenha o Estádio Municipal de Guimarães liberto da forma do campo de jogos de competição e da forma de círculo. Ao invés, opta por uma forma ovoide que considera a mais favorável, tanto do ponto de vista da visibilidade como das fugas de perspetiva com melhor efeito estético. Sublinha esta forma, a artéria de 20 metros de perfil, que desenha em torno do edifício, a partir da qual, em diferentes pontos, se poderá aceder ao interior.

Adicionalmente, atribui tridimensionalidade à forma ovoide naturalmente através da topografia do terreno. Constrói o Estádio, em todo o perímetro, um muro de alvenaria rusticada de altura variável que se cinge ao movimento natural do terreno. Na fase oposta, contra o talude, moldam-se parte das bancadas descobertas.

O talude é perfurado para acesso ao recinto e o seu espaço interno, de corte triangular, aproveitado para instalação de todas as áreas técnicas de apoio ao Estádio. As estruturas de betão conjugadas com sistemas de alvenaria em elevação mais expressivas sobre este talude são reservadas aos setores da bancada coberta e da torre olímpica.

Será de notar que se o desenho da bancada coberta se conserva em termos gerais igual do Anteprojeto para o Projeto, ganhando apenas novo conjunto de pormenores arquitetónicos, o desenho da torre olímpica, se altera significativamente. Do Anteprojeto para o Projeto, ela ganha protagonismo no conjunto, certamente também no sentido de melhor representar o Estádio no caminho de Guimarães para Braga.

Um projeto topográfico

A proposta de Mário Bonito, em diálogo direto com o Antepiano de Urbanização da Cidade de Guimarães, valoriza a condição paisagística da área em estudo e afirma a convicção na ideia de Parque da Cidade, entretanto diluída, elegendo-a como um dos seus princípios base.

A proposta aprofunda uma leitura paisagística das condições do lugar, onde a “noção de limite” entre o natural (Parque) e artificial (Estádio) será um dos temas chave no desenho inovador de todo o conjunto.

Este diálogo aberto e informado com os elementos mais significativos da envolvente evoca a tradição dos estádios helénicos de implantação sensível à topografia existente e com limites dialogantes, abrindo o recinto à paisagem natural.

Dois Estádios portugueses, dos anos 30 e 40, incorporam estes temas, um a sul, o Estádio Nacional (1934/1944) e, outro a norte, o Estádio 28 de Maio / Estádio Municipal 1º de Maio (1946/1950). Estes exemplos são emblemáticos na cultura arquitetónica portuguesa, não só, pela escolha da sua localização e das soluções para o diálogo com a paisagem em que se integram, mas também, pela pertinência dos seus autores.

O Estádio Nacional, apesar de uma primeira hesitação na sua localização, situa-se no vale de Jamor, em detrimento da área do Lumiar, prevalecendo o critério da importância do enquadramento do equipamento desportivo numa área verde afastada do centro de Lisboa.

Dada a relevância e pretendida representatividade do Complexo Desportivo é aberto um concurso de arquitetura, em 1934, com a receção de três proposta lideradas por Carlos Ramos com Jan Wils, autor do Estádio Olímpico de Amesterdão, Cristino da Silva com Constantino Constantini, autor do Forum Mussolini de Roma, e Jorge Segurado com António Varela, respetivamente. As três propostas assentam na definição de um *plateau*, implantado na cota baixa do vale do Jamor, impondo-se à topografia e às condições naturais do lugar com uma geometria rígida e volumetricamente autónoma, condicionando inclusive o curso do rio Jamor. Francisco Caldeira Cabral com Heinrich F. Wiekking-Jürgensmann, colaborador de Werner March no Estádio de Berlim, e de Konrad Wiesner no Estádio de Nuremberga, apresenta uma contraproposta, em 1937, que, não só altera a implantação do estádio libertando o vale, como também integra volumetricamente o conjunto na própria topografia da encosta poente em contacto com a vegetação existente, com a qual constrói o limite do recinto. Estas premissas evocam os princípios do estádio grego com as bancadas moldadas no terreno, na continuidade do relevo da encosta, conformando uma planta em forma de U que enquadra e afirma o eixo da alameda de acesso com a simétrica e representativa Praça da Maratona, o pórtico de honra e a respetiva tribuna presidencial, com vista aberta sobre o Vale do Jamor.

O projeto do Estádio 28 de Maio, em Braga (1946/1950), também, tem duas possíveis localizações: uma, proposta pelo urbanista Etienne de Gröer, fora dos limites do centro da cidade, valorizando a acessibilidade e o enquadramento da grande afluência de pessoas; outra, validada em 1945, pelo engenheiro Manuel Travassos Valdez, no Parque da Ponte, selecionado pelas suas condições topográficas e paisagísticas adequadas à implantação de um estádio em anfiteatro.

Manuel Travassos Valdez, que participa na adaptação do Pavilhão Carlos Lopes e no primeiro projeto do Estádio de Alvalade, avança com um estudo prévio lançando as premissas do projeto, mas será o arquiteto João Simões a elaborar a proposta final com a implantação do estádio em pleno Parque da Ponte tirando partido das características topográficas e dos enquadramentos perspetivos sobre a cidade.

O Estádio, com uma orientação Norte-Sul, apresenta-se entre duas colinas fronteiras, com uma composição axial que assenta diretamente na pendente da encosta e desenha, através da interrupção do anel da bancada, encastrado somente a sul e a poente, o acesso principal aberto sobre a cidade.

Com três elementos arquitetónicos singulares, escadaria, pala e torre, João Simões convoca uma entrada simbólica de escala monumental, que valoriza o acesso ao recinto e, sobretudo, se abre à paisagem, enquadrando visualmente o centro de Braga.

Mário Bonito incorpora e valoriza todos estes temas de desenho, contudo, no Estádio de Guimarães a localização está predefinida pelo Antepiano de Urbanização da Cidade e o terreno não detém uma topografia relevante. A sua singularidade reside na forte empatia com a contígua mancha arbórea da Área de Reserva, que Mário Bonito interpreta como integrada num futuro Parque da Cidade.

A conceção do Estádio Municipal baseia-se, por isso, numa (re)leitura da paisagem de modo a reforçar essa empatia Parque – Estádio, com a reinvenção da morfologia do terreno através de uma modulação de aterros e desaterros que define topograficamente o limite ovoide do estádio, tendo o maciço arbóreo como pano de fundo.

O Estádio de 100 000 lugares para Paris, de Le Corbusier e Pierre Jeanneret, de 1936, é uma referência pessoal significativa de Mário Bonito, para a interpretação da condição do lugar do Estádio de Guimarães, e para as opções formais que orientam a sua transformação, seja a clareza da definição do anel/bancada ovoide, seja a sucessão/tensão entre os diferentes elementos arquitetónicos, como o desenho dos acessos moldados na topografia e o representativo mastro.

A vontade de operar a fusão Parque – Estádio, mesmo que “virtualmente”, reforça a importância deste princípio estruturador do projeto que vai para além da resposta às necessidades técnicas ou funcionais inerentes ao equipamento desportivo. O movimento de terras molda a paisagem de modo a integrar naturalmente todo o conjunto parcialmente encastrado, associado a um talude de desenho ovoide, em sequência com as cotas existentes e abrindo vistas sobre a arborização envolvente. De inspiração Corbusiana – seja o Estádio de 100.000 lugares, seja o Estádio de Bagdad, de 1956, ou o Estádio de Firminy, de 1965 – a autonomia formal da bancada coberta em contraponto à torre olímpica, de valor iminentemente simbólico, estabelece uma polifonia entre a horizontalidade predominante do conjunto e a verticalidade identitária de elementos singulares representativos de um equipamento público.

Deste modo, o projeto dilui a estrutura impositiva e respetivos requisitos técnicos de um equipamento desportivo, ao acomodar o corpo da bancada na modelação proposta, integrando os acessos na continuidade dos percursos lúdicos adjacentes e hierarquizando os núcleos funcionais de acordo com o seu significado funcional e/ou simbólico.

Mário Bonito convoca, através de uma narrativa topográfica, a necessidade do Estádio Municipal de Guimarães ser construído a completar a paisagem de forma natural, como se sempre tivesse pertencido ao lugar.

Complementarmente, a solução preconizada contempla a adequação do Estádio ao aumento da densidade populacional de Guimarães, com três fases de desenvolvimento das bancadas, sem perder o sentido de conjunto da proposta, traduzindo a procura de uma cuidada leitura do problema colocado, na tentativa de responder no tempo longo, valorizando o papel social do arquiteto e da sua arquitetura.

Afirma-se, assim, a conceção do Estádio Municipal de Guimarães como resposta orientada por uma futura ideia de lugar, o desejado Parque da Cidade, reforçando o desígnio urbano e coletivo do conjunto.

Um manifesto

Se com o Pavilhão das Ilhas Adjacentes, em 1948, Mário Bonito anuncia o início da construção de um processo de desenho pessoal, com o Estádio Municipal de Guimarães sintetiza, no final dos anos cinquenta, o seu entendimento sobre a interpretação do “sentido de lugar” como condutor principal na formulação de uma hipótese de projeto. Em ambos os casos mais do que a obra que resulta construída, ou a sua futura transformação, especialmente importantes no tempo são as ideias, os princípios e as narrativas que os informam.

Os dois equipamentos destacam-se pela relação de compreensão que estabelecem com o contexto, propondo soluções que exploram e aprofundam o significado urbano e paisagístico, abrindo caminho a um “novo lugar”.

O Pavilhão das Ilhas Adjacentes e o Estádio Municipal de Guimarães, inseridos num contexto particular de jardim e parque público, estabelecem uma relação com a natureza de mútua contaminação, propondo um discurso, no primeiro caso, de tensão entre o edifício e os vários elementos naturais e, no segundo caso, de diluição do conjunto na modelação da própria paisagem natural, consumando um projeto topográfico.

Perante estes dois projetos, podemos considerar estar perante uma singular posição de “manifesto”: “projetos-conceito”, que, no final dos anos quarenta e cinquenta, marcam o caminho de procura de uma “nova arquitetura”, interpretando as necessidades da sociedade mas, sobretudo, reinterpretando um conjunto de modelos importados, através dos seus princípios teóricos, e adaptando-os à circunstância portuguesa.

O projeto-conceito do Estádio Municipal de Guimarães pode, então, ser interpretado como uma bela lição de arquitetura sobre o desenvolvimento do processo de desenho na formulação de uma poética, incisiva e coerente, capaz de atravessar o tempo. Isto é, integrando as premissas da arquitetura moderna nas circunstâncias do quotidiano, sem estas perderem a sua condição transformadora e inspiradora de um novo futuro.

Mário Bonito desejava e acreditava na transformação do seu tempo, mas só através da responsabilidade social do arquiteto e do cidadão, tanto no desempenho das suas funções como na vivência do seu dia-a-dia, e o projeto do Estádio Municipal de Guimarães é um dos seus mais exemplares interlocutores.

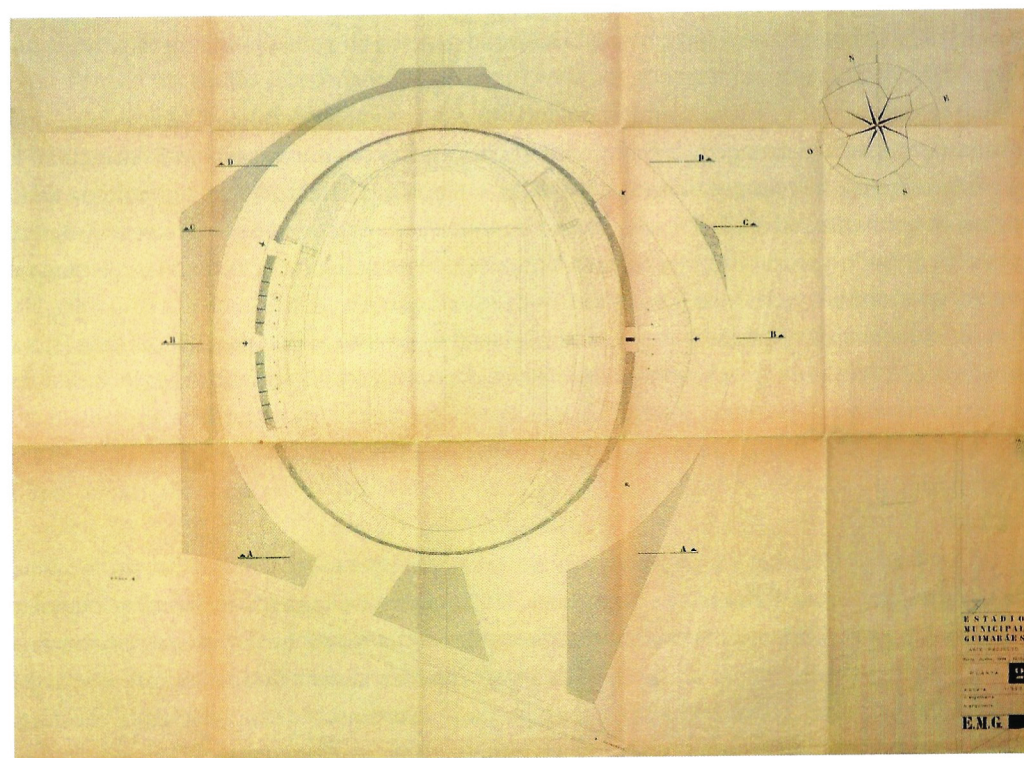


Imagem 1.
Estádio Municipal de Guimarães – Anteprojeto, planta do conjunto, 1958.
(Fonte: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta).

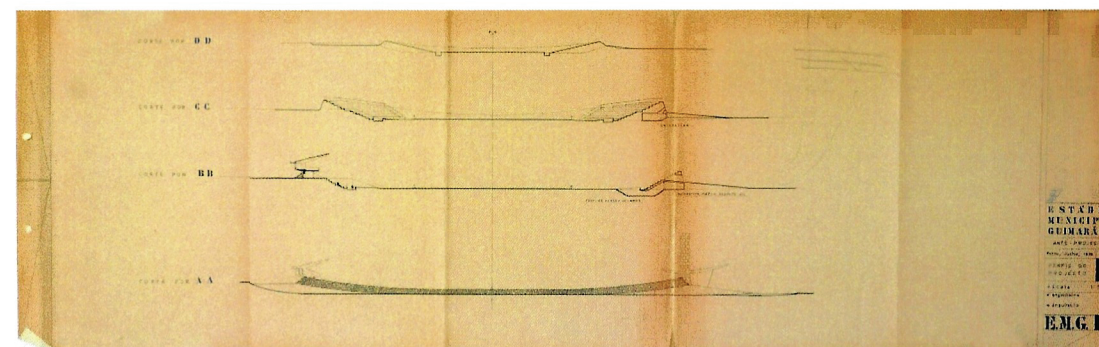


Imagem 2.
Estádio Municipal de Guimarães – Anteprojeto, perfis do conjunto, 1958.
(Fonte: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta).

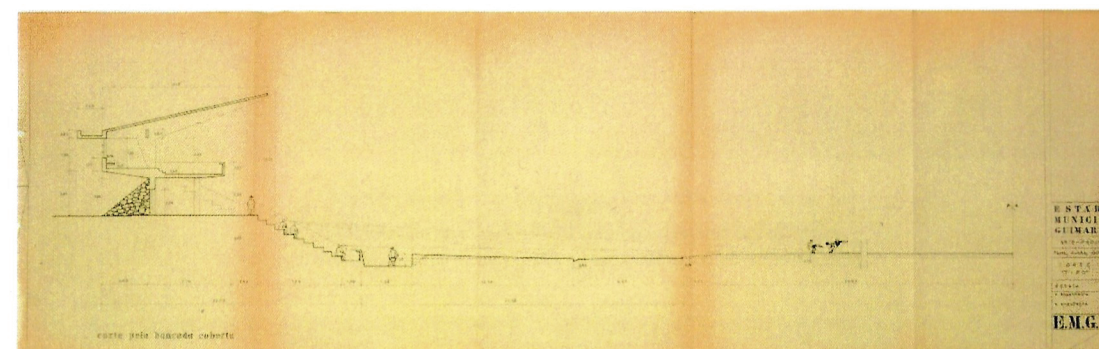


Imagem 3.
Estádio Municipal de Guimarães – Anteprojeto, corte-tipo da bancada coberta, 1958.
(Fonte: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta).

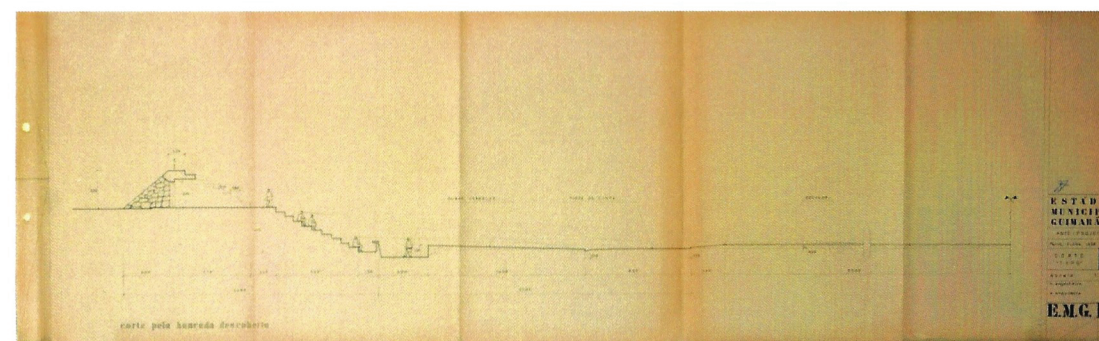


Imagem 4.
Estádio Municipal de Guimarães – Anteprojeto, corte-tipo da bancada descoberta, 1958.
(Fonte: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta).

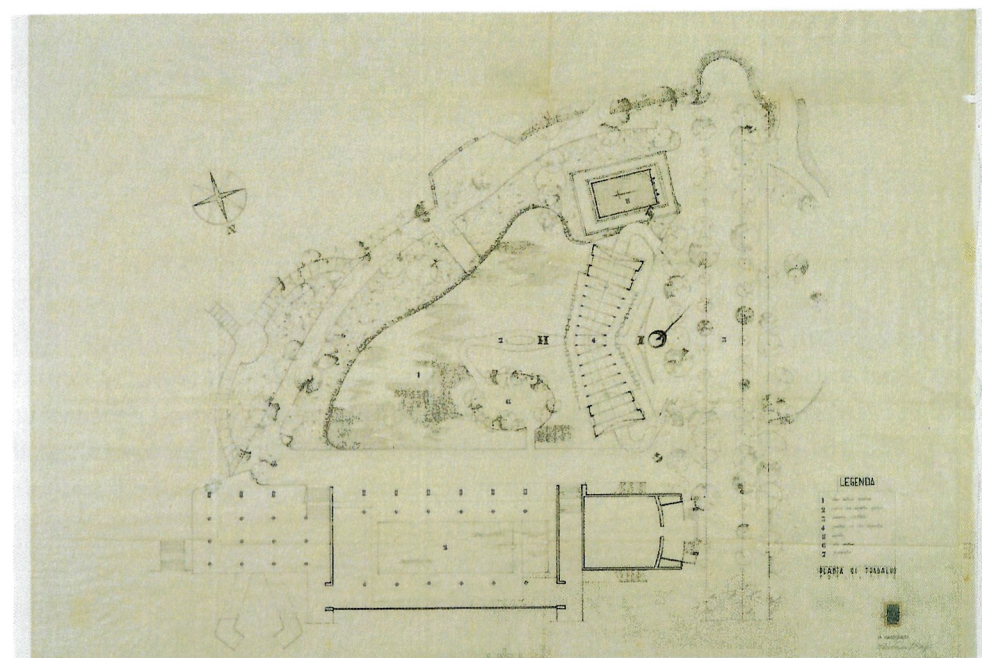


Imagem 5.
Pavilhão das Ilhas Adjacentes (CODA) – Planta de trabalho, 1947.
(Fonte: Centro de Documentação de Arquitetura e Urbanismo – FAUP)

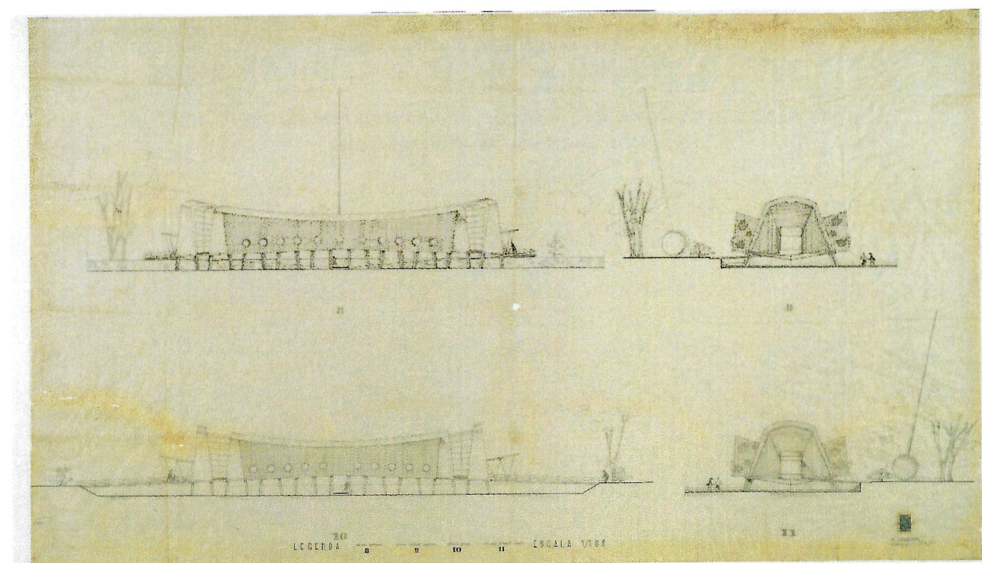


Imagem 6.
Pavilhão das Ilhas Adjacentes (CODA) – Alçados, 1947.
(Fonte: Centro de Documentação de Arquitetura e Urbanismo – FAUP)



Imagem 7.
Estádio Municipal de Guimarães – Fotografia aérea, s/data.
(Fonte: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, 10-24-20-4-337)



Imagem 8.
Estádio Municipal de Guimarães – Fotografia aérea, s/data.
(Fonte: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, 10-24-20-5-787)

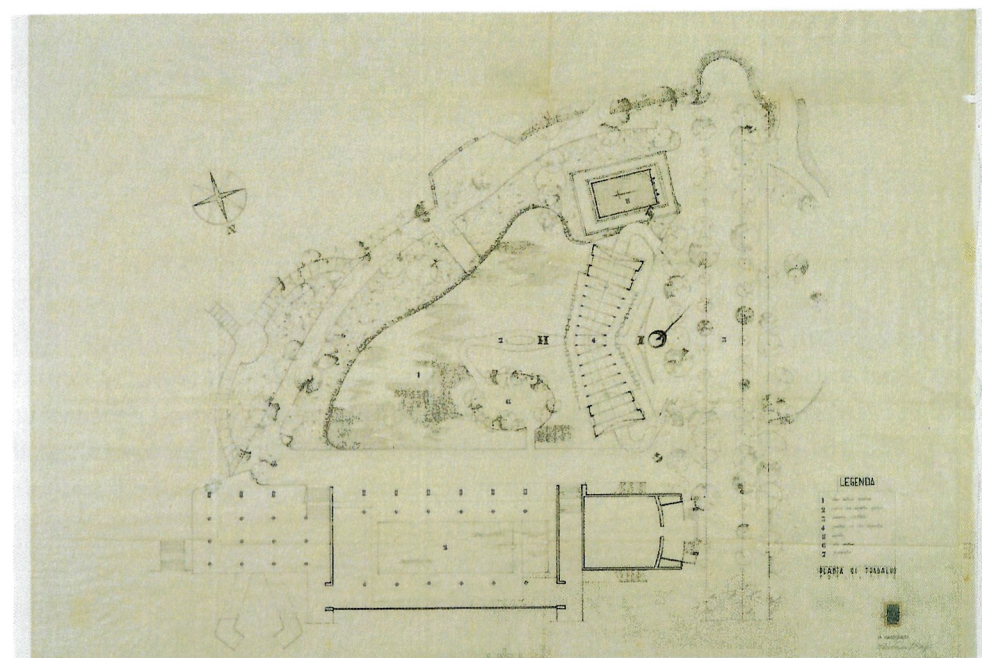


Imagem 5.
Pavilhão das Ilhas Adjacentes (CODA) – Planta de trabalho, 1947.
(Fonte: Centro de Documentação de Arquitetura e Urbanismo – FAUP)

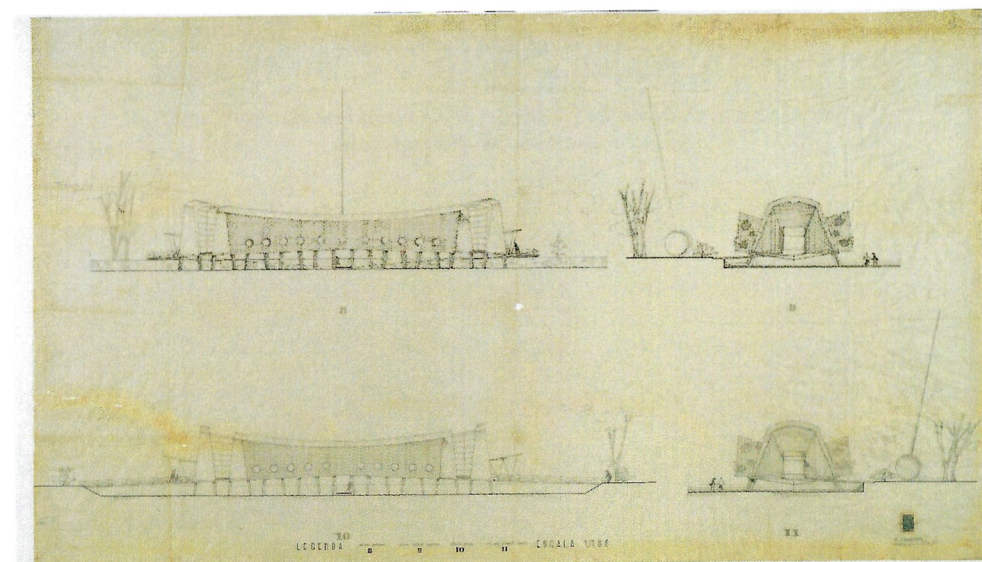


Imagem 6.
Pavilhão das Ilhas Adjacentes (CODA) – Alçados, 1947.
(Fonte: Centro de Documentação de Arquitetura e Urbanismo – FAUP)



Imagem 7.
Estádio Municipal de Guimarães – Fotografia aérea, s/data.
(Fonte: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, 10-24-20-4-337)



Imagem 8.
Estádio Municipal de Guimarães – Fotografia aérea, s/data.
(Fonte: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, 10-24-20-5-787)

Bibliografia

BONITO, Mário – “A universalidade na arquitectura”, in Notícias da Amadora – Semanário Popular. Nº 505 (22 maio 1971).

BONITO, Mário – “Tradição e Regionalismo”, in 1º Congresso Nacional de Arquitetura, maio/junho de 1948, Relatório da Comissão executiva, Teses, Conclusões e Votos do Congresso (Edição fac-similada). Lisboa: Ordem dos Arquitetos, 2008.

BONITO, Mário – “Tarefas do Arquitecto”, in 1º Congresso Nacional de Arquitetura maio/junho de 1948 (Edição fac-similada). Lisboa: Ordem dos Arquitetos, 2008.

CASAL RIBEIRO, Helder – “A experimentação na obra de Mário Bonito. Um processo de desenho de 40 a 60”, Tese de Doutoramento em Arquitetura apresentada à FAUP. Porto: 2013.

MENDANHA, José – “Do lugar à obra. Cinco equipamentos desportivos Portugueses” (orientação Helder Casal Ribeiro), Dissertação de Mestrado, MIARQ_FAUP. Porto: 2012/13.

Fontes Primárias

BONITO, Mário – “Pavilhão das Ilhas Adjacentes”, EBAP, 1947. FAUP/CDUA, Centro de Documentação de Urbanismo e Arquitetura.

BONITO, Mário – “Estádio Municipal de Guimarães”, 1958-60. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

LOSA, Arménio – “Plano Parcial da Zona Noroeste de Guimarães”, 1969. Acervo Histórico do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano (DGOTDU).

MOREIRA DA SILVA, Maria José M., MOREIRA DA SILVA, David – “Anteplano de Urbanização da Cidade de Guimarães”, 1949. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

MOREIRA DA SILVA, Maria José M., MOREIRA DA SILVA, David – “Anteplano de Urbanização da Cidade de Guimarães (aditamento), 1953. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.